

25

cadernos de teatro

ANNIBAL MACHADO : TEATRO COMO MEIO DE CONQUISTA

**JORNADA MUNDIAL DO TEATRO: JEAN-LOUIS BARRAULT
e LAURENCE OLIVIER**

CONGRESSO DE VARSÓVIA : AUTOR E PÚBLICO

SITUAÇÃO DO AUTOR NACIONAL

O QUE VAMOS REPRESENTAR : DUAS FARSAS TABARÍNICAS

ARTHUR AZEVEDO — A CONSULTA

No congresso de edimburgo: posição do autor

Bárbara Heliodora

Três foram os principais aspectos que tomou o debate no dia dedicado ao nosso assunto de hoje: o da posição do autor, isto é, se deve o autor escrever tendo em vista um público nacional ou internacional; o da diferença entre nacional e nacionalista e entre nacional e regional; e o das traduções e possibilidades de serem integralmente compreendidas em outros países obras que retratam condições características de um determinado povo, língua, sociedade. De modo geral, é preciso dizer que foi unânime o apoio da tese de Kenneth Tynan de que no mundo contemporâneo qualquer forma de arte que queira ficar presa a um âmbito estritamente nacionalista, no sentido mais estreito da palavra, está fadado ao desaparecimento. Concordando com essa posição, nós defendemos uma diferenciação entre o nacional e o nacionalista, segundo a qual o nacionalista seria um teatro prêso a aparências e regionalismos, enquanto que o nacional seria aquele teatro que refletisse com tanta autenticidade e clareza um determinado ambiente ou país (o do autor) que a obra resultante poderia ser compreendida em termos teatrais por platéias de qualquer outro país.

Uma das melhores contribuições sobre o problema do nacionalismo foi a do autor nigeriano Wole Soyinka, que atacou o problema por dois lados: denunciava ao mesmo tempo o nacionalismo mesquinho que caracteriza muitos ambientes de países subdesenvolvidos (queixando-se de que na Nigéria qualquer peça que não faz uso de máscaras é acusada de anti-patriótica) e da lamentável posição

dos países já desenvolvidos que, via de regra, não têm interesse pela obra de arte pura e simples de um artista de país subdesenvolvido, interessando-se apenas por aquilo que definiu como *exótico*.

Bastaria, para comprovar o ponto-de-vista de Soyinka, o eterno interesse do Teatro das Nações para que do Brasil seja enviado àquele um espetáculo de macumba, e seu desinteresse por tudo o mais.

Vale a pena notar que os maiores defensores do internacionalismo no teatro foram os ingleses, isto é, aqueles que são donos da mais vasta literatura dramática nacional. Já os irlandeses e escoceses apresentaram pontos-de-vista muito mais regionais, muito embora Dominic Behan tenha brilhantemente demonstrado que o famoso Abbey Theatre de Dublin tenha sido realmente bom quando não era nacionalista, tendo decaído quando tornou-se tal, contrariando a tese de Jim Fitzgerald, também irlandês, que gritava muito mas argumentava pouco. Do problema do panorama internacional do teatro falou com a clareza de sempre Max Frisch, que lembrou a grave situação do autor que não escrevia em nenhuma das principais línguas do Ocidente e cuja obra ficava portanto relegada a um inevitável desconhecimento. Declarou Frisch que a Rockefeller Foundation o havia convidado a sugerir um campo no qual pudesse realizar algum trabalho para o teatro e que gostaria de sugerir a organização de um centro internacional de traduções. Por intermédio de um movimento coordenado pelos representantes do Brasil, da Nigéria e da Jamaica foi levado à votação uma proposta em que o Con-

gresso de Edimburgo juntava a sua voz à de Max Frisch em sua sugestão à Rockefeller Foundation, proposta essa que foi aprovada por unanimidade.

Traduções — Ao ser tratado o problema das traduções, foram largamente debatidos dois pontos: quanto de uma obra chega a atingir um público quando já foi traduzida para outra língua e deve ser apresentada a um público que por vezes desconhece as circunstâncias determinantes de uma ação, e se devem as traduções ser feitas por tradutores que se mantêm neutros e discretos, servindo apenas o texto original da melhor forma possível, ou se devem ser entregues a artistas criadores por seu próprio direito, que procurariam recriar a obra com fidelidade total ao seu espírito mas deixando sua própria marca; estas, é claro, são questões abertas, interessantes mas sem possível solução definitiva.

O nacionalismo foi, talvez, o tema mais interessante e produtivo de todo o Congresso Internacional de Drama em Edimburgo.

(Do Jornal do Brasil).